

## PERTO DA MÁQUINA: ARTE E TECNOLOGIA E A NOVA SENSIBILIDADE ESTÉTICA.

Rogério Lima  
Universidade de Brasília

Vivemos numa época de paradoxos, não-lugares, virtualidades, desterritorializações, sistemas maquínicos que controlam a nossa subjetividade, transformações do corpo: o homem transforma o próprio corpo colocando-o em questão. O corpo leitor já não é mais o corpo lasso do século XIX, mas um corpo inserido num novo vigor físico e estético, construído pela *body modification*, resultando “numa alucinante mistura de técnica, arte e denúncia que desestabiliza a compreensão.”<sup>1</sup> Michel Houellebecq fala de uma multiplicação dos corpúsculos de Krause por toda a pele humana “— oferecendo, assim, na economia dos prazeres, novas e quase inusitadas sensações eróticas.”<sup>2</sup>

A idéia desse mesmo corpo realizada na procriação confrontada com a possibilidade da clonagem é colocada em xeque. Pois, segundo o filósofo e ex-bioquímico Leon Kass, citado por Gina Kolata, o que a técnica da clonagem coloca em jogo “é nada menos do que se a procriação deve continuar a ser uma atividade humana, se as crianças devem ser produzidas em vez de geradas e se é uma boa coisa, do ponto de vista humano, dizer sim a uma estrada que levará, na melhor das hipóteses, à racionalidade desumanizada do *Admirável Mundo Novo*”.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Góes, Fred. “Do *body building* ao *body modification* — paraíso ou perdição. In: Villaça, Nízia. Góes, Fred e Kosovski, Ester (Orgs.). *Que corpo é esse?* Novas perspectivas. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

<sup>2</sup> Houellebecq, Michel. *Partículas elementares*. Tradução de Juremir Machado da Silva. 3ª edição. Porto Alegre: Editora Sulina, 1999, p. 336.

<sup>3</sup> Kolata, Gina. *Clone: os caminhos para Dolly e as implicações éticas, espirituais e científicas*. Tradução Ronaldo Sérgio De Biasi. Rio de Janeiro: Campus, 1998, p. 14-15.

Vivenciamos uma era de novas velocidades, telepresença, simultaneidades e multiplicidades rizomáticas, redes de informação, ciberespaço, exclusões, abismos. O homem transforma a própria vida, reproduzindo vida da vida: clonagem. A evolução técnica avança a passos jamais vistos. As grandes narrativas já não têm como dar conta de todas essas mudanças. Em meio a tanta conturbação identificamos alguns problemas em torno dos quais este trabalho se organiza. O problema dos protocolos da literatura neste cenário paradoxal de grandes e perversas transformações: quais serão os estatutos do literário em um mundo cada vez mais mediado pela técnica do virtual e do digital que impõe novas formas de percepção da realidade, criando novos desejos e novos espaços de atuação? A questão dos protocolos da literatura mediada pela técnica é também inseparável do problema da construção da subjetividade e de uma nova sensibilidade dominada por novos artefatos técnicos denominados como próteses. As tecnologias, como artefatos protéticos, contribuem para determinar os campos do possível nos quais nos tornamos o que somos.<sup>4</sup>

Outro problema que surge com as novas tecnologias é o do virtual. O virtual, novo espaço de atuação humana, por meio da virtualização, problematiza as relações do autor com o texto e do leitor com a leitura. Segundo Deleuze, o problema de escrever está no fato de que o escritor inventa uma língua nova, de alguma forma estrangeira, dentro da própria língua. “Ele traz à luz novas potências gramaticais ou sintáticas. Arrasta a língua para fora de seus sulcos costumeiros, leva-a a *delirar*. Mas o problema de escrever é também inseparável de *ver* e de *ouvir*: com efeito, quando se cria uma outra língua no interior da língua, a linguagem inteira

---

<sup>4</sup> Rajchman, John. “Existe uma inteligência do virtual?” In: *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Coordenação de tradução Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 405.

tende para um limite “assintático”, “agramatical”, ou que se comunica com seu próprio fora.”<sup>5</sup>

Para Deleuze, escrever não é atribuir uma forma de expressão a uma matéria vivida. A literatura habita o território do incompleto, do informe. Escrever configura-se como um devir sempre inacabado que está para além de qualquer matéria vivível ou vivida. “É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido”.<sup>6</sup> Esta é uma forma de virtualização (problematização) do texto, assim como Barthes problematiza (virtualiza) a leitura e a escritura ao definir o texto *legível* e o texto *escrevível*.<sup>7</sup> O virtual exige uma nova idéia do pensamento em que o *potencial* conceitual não está mais centrado no bom senso dos possíveis lógicos dados, “mas se move por paradoxos, questões, temas complexos, anteriores às proposições e aos julgamentos, que traduzem os acontecimentos que nos forçam a pensar”.<sup>8</sup>

Procuramos traçar virtualidades possíveis, mapas possíveis dos problemas que a literatura do final do século XX e início do XXI apresentam. O final do século XX, em si, já é um problema, pois alguns autores vêm esta questão de forma diferenciada, para uns a duração do século foi curta, para outros ela ainda se prolonga para além da contagem numérica do ano 2000, mas esse não é o tema deste trabalho, tocamos no assunto apenas para exemplificar de que forma a questão da virtualização pode se conformar.

Se o texto tem por definição ser uma prática de linguagem resistente a modelos prévios, se a escritura e leitura formam o *par mínimo* das pesquisas em literatura, principalmente neste

---

<sup>5</sup> Deleuze, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 9.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 11.

<sup>7</sup> Barthes, Roland. *S/Z: uma análise da novela Sarrasine* de Honoré de Balzac. Tradução Léa Novaes. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992.

<sup>8</sup> Rajchman, John. “Existe uma inteligência do virtual?” In *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Coordenação de tradução Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 397.

momento teórico marcado pelo Pós-Estruturalismo, o que se estabelece como objetivo fundador desse estudo é justamente contribuir para a ampliação da rede do pensamento teórico sobre a literatura, retrabalhando os conceitos, já clássicos, de crítica e historiografia literária, percebendo a atuação e organização de um sistema intelectual que se vê obrigado a reformular as suas posturas críticas em função de transformações, por demais brutais, impostas pelas variações tecnológicas, que nos cobram uma nova maneira de ler o texto literário.

A escolha de um objeto de estudo não é inocente, pois supõe uma interpretação de formulação antecipada, inspirada por nosso interesse atual. A atitude de nos debruçarmos sobre um determinado objeto não se trata de um puro dado, mas de um fragmento do universo que delimita a nossa maneira de olhar. Outra questão que levantamos diz respeito ao fato de que a linguagem, por meio da qual assinalamos um dado, já é a linguagem que, posteriormente, utilizaremos para interpretá-lo. No que diz respeito à Literatura podemos afirmar que ela se configura como um discurso de representação, e a crítica literária como uma prática de investigação teórica das formas concretas, particulares — das obras que esse discurso produz — e tem por objetivo desentranhar de sua linguagem, descendo ao que elas enunciam, as estruturas que as tornam interpretáveis e as carregam de potencialidade estética. Sendo essas estruturas objeto de conhecimento é possível assinalarmos que o exercício crítico é uma forma de prática teórica.

Quando dirigimos a nossa atenção para questões relativas aos problemas das relações da literatura com as transformações tecnológicas e para a mudança da sensibilidade estética no campo da arte, neste final de século, deparamos com uma série de problemas que questionam o futuro da arte e, no nosso caso, em particular, o destino da literatura. À medida que ingressamos

no mundo virtual, conhecido como ciberespaço, ou espaço cibernético, as formas tradicionais de representação passaram a experimentar abalos imprevisíveis. Transformações estéticas e técnicas já foram experimentadas antes, mas não de forma tão radical quanto ao que se tem processado ao longo da segunda metade do século XX. Se antes se demolia a cena representativa, agora ela é colocada à deriva.

Representar significava dar sentido ao real. E o real era constituído por essa contracena mais inamistosa que afável, esse entendimento ou mal-entendido que se verifica quotidianamente entre homens e coisas. O real tem uma capacidade de sobrevivência de que não dispõe o virtual. O virtual é uma das possibilidades do real. No campo virtual cessam os pequenos acordos e os grandes mal-entendidos. Pierre Lévy define o virtual como força problematizadora, pois “Virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer mutar a entidade em direção a essa interrogação e redefinir a atualidade de partida como resposta a uma questão particular”.<sup>9</sup>

Em meio às transformações impostas pelas novas tecnologias é possível afirmar a persistência e a imunidade da narrativa clássica às influências do que se convencionou chamar de fluxo tecnológico (velocidade, conexão, informação, circulação, virtualização)? Como deverá posicionar-se a crítica diante desse contexto que entendemos ser demasiado brutal para a cultura e para a literatura em especial? Assumimos nesta pesquisa o conceito de virtualização formulado por Pierre Lévy, como instrumental teórico para empreendermos uma análise teórico-crítica da literatura pós-moderna. A virtualização deve ser entendida como instauradora de um processo

---

<sup>9</sup> Lévy, Pierre. *O que é o virtual*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996. (Coleção Trans) p. 18.

problematizador. O nosso objetivo, ao utilizarmos esse conceito, é buscar compreender o processo de transformação do estatuto do literário e das formas narrativas diante de novas ordenações e das transformações tecnológicas que modificam a nossa percepção do mundo e da realidade vivenciada pelo homem da era digital, que se presentificam, de uma forma ou de outra, no texto literário.

A nossa escolha se deve ao fato de o conceito elaborado por Lévy colaborar para a organização de um caminho teórico-crítico, por meio do qual buscamos entender sob que aspecto se configura não só a literatura, mas também as diversas formas narrativas da modernidade, neste período de múltiplas definições: pós-moderno, neomoderno, neobarroco, baixa modernidade e outros.

O conceito formulado por Lévy se adequa perfeitamente à nossa proposta de trabalho, pois faz com que seja possível — a partir de sua utilização como instrumental de análise — rompermos a barreira e o impasse diante de um problema vivenciado no campo da crítica literária neste início de século que é o de tentar responder à pergunta: quais são as possibilidades de permanência e sobrevivência da literatura diante das intensas transformações tecnológicas vivenciadas pela sociedade letrada do ocidente?

Chamamos atenção para a seguinte questão: talvez se deva pensar a questão do virtual, ou de sua invasão do território literário, enlaçando, pelo menos para começar, três referências inevitáveis: complexidade, velocidade, interdisciplinaridade. Elas nos proporcionarão, combinadamente, outras possibilidades de reflexão. E neste momento, diante da polimorfia do

virtual, da lentidão da letra e da velocidade da imagem, a saída jamais terá de ser a clonagem da literatura.

Segundo Gina Kolata a clonagem é uma metáfora e um espelho. “Ela nos força a contemplar a nós mesmos e os nossos valores e a decidir o que é importante para nós e por quê.”<sup>10</sup> Para Jacques Derrida a clonagem se configura como uma repetição calculada da identidade genética de um *indivíduo*<sup>11</sup>, da mesma forma como Huxley denuncia o fato em seu *Admirável Mundo Novo* ao descrever a fria racionalidade do Processo Bokanovisky<sup>12</sup>. A bokanovskização é a metáfora de Huxley para a aplicação da linha de montagem fordiana à reprodução humana. A clonagem implica na *produção* e não na geração de um ser<sup>13</sup>; essa afirmação coloca a literatura em um impasse entre a criação e a produção.

A clonagem da literatura deve ser interpretada como uma repetição em série daquilo que já está posto pela própria literatura. O pós-modernismo opera justamente no sentido contrário ao da clonagem, que entendemos estar muito mais afeita ao cânone ou próximo do que Barthes chama de texto *legível*.<sup>14</sup> Os textos legíveis “São produtos (e não produções) que constituem a enorme massa de nossa literatura”.<sup>15</sup> Esses são textos da esfera do possível e não do virtual.

---

<sup>10</sup> Kolata, Gina. *Clone: os caminhos para Dolly e as implicações éticas, espirituais e científicas*. Tradução Ronaldo Sérgio De Biasi. Rio de Janeiro: Campus, 1998, p. 21.

<sup>11</sup> Perrone-Moisés, Leyla. *Derrida no Rio*. Folha de São Paulo, Caderno Mais! São Paulo, 8 de julho de 2001.

<sup>12</sup> Huxley, Aldous. *Admirável mundo novo*. Tradução Vidal de Oliveira e Lino Vallandro. 26<sup>a</sup> edição — São Paulo: Editora Globo, 2000, p. 9-10.

<sup>13</sup> Kolata, Gina. *Clone: os caminhos para Dolly e as implicações éticas, espirituais e científicas*. Tradução Ronaldo Sérgio De Biasi. Rio de Janeiro: Campus, 1998, p. 7.

<sup>14</sup> Barthes, Roland. *S/Z: uma análise da novela Sarrasine de Honoré de Balzac*. Tradução Lea Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p.38.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 39.

O pós-moderno trabalha com os signos cristalizados da cultura e tem por finalidade questionar valores estabelecidos e elaborar um novo objeto artístico, utilizando como material de sua composição elementos da própria cultura.<sup>16</sup> É possível que com esse tipo de ação viéssemos a ter uma literatura *Frankenstein*<sup>17</sup>, mas não uma literatura clonada. “A literatura sempre antecipa a vida nunca a copia: ela a molda segundo seus próprios objetivos”.<sup>18</sup> Os corpos textuais, legíveis, produzido pelo pela literatura pós-moderna são corpos fraturados, dotados de virtualidades e virtualizações (problematizações) internas ao texto e externas ao seu funcionamento, enquanto artefato técnico de comunicação de uma forma de arte em transformação.

O advento da mídia digital de massa e das recentes tecnologias de informação/comunicação colocou em xeque o papel tradicional da literatura e da arte como um todo, desencadeando um movimento de autoquestionamento a partir de seus próprios

---

<sup>16</sup> Lima, Rogério. *O dado e o Óbvio: o sentido do romance na pós-modernidade*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília/Editora Universa, 1998.

<sup>17</sup> O termo Frankenstein ou Frankensteinização tem sido usado por diversos segmentos da crítica e autores como Nízia Villaça e Rosa Maria Rodríguez Magda para designar o texto literário pós-moderno em suas diversas formas de realização e elementos textuais integrados por ele. Nízia Villaça com o apelo à metáfora do termo alude “ao fato de que o texto eletrônico, no complexo informático/comunicacional, participa de um imaginário maquínico que, visto a partir de um horizonte do corpo enquanto dado natural, é considerado agente de desumanização, robotização, controle tecnológico.” Villaça, Nízia. “Robinson Crusoé, Babel, Frankenstein e outros mitos: corpo e tecnologia. In: Villaça, Nízia. Góes, Fred e Kosovski, Ester (Orgs.). *Que corpo é esse?* Novas perspectivas. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

Para Rosa María Rodríguez Magda, “Nos encontramos en el seno de la frankensteinización de la cultura, de la sociedad y de la vida. Mientras las sociedades avanzadas nos ofrecen un modelo hologramático, retroviral, de redes informáticas, de fusión *cyborg* entre la biología y la técnica, el mundo en su conjunto nos retrotrae al territorio preindustrial del monstruoso, fragmentos distorsionados e irreciclables de un siglo que se acaba, deformes presencias milenaristas, la multiplicidad heterogenia de nuestros fantasmas recientes engarzados en una fisiología excrescente, descomunal y atroz. Síntesis imposible, monstruosa por tanto, de la historia en nuestro presente, y presencia acechante del monstruo de lo otro que en vano pretendemos recluir más allá de nuestros límites de seguridad.

Con la denominación “modelo Frankenstein” pretendo metaforizar estas dos vertientes: por un lado, la pervivencia de los restos cadavéricos de nuestro pasado: teorías, estéticas, religiones... que retornan en una contemporaneidad convulsa, que no compone sin más un mosaico de datación diversa sino que lo integra en un dinamismo redivivo y mutante; y, por otro lado, plasmar la presencia y el horror de lo monstruoso en los límites de nuestra conciencia y nuestra geografía: el extranjero, el fanático, el violento, el marginal, las minorías diferentes y la diferencia en suma.” Magda, Rosa María Rodríguez. *El modelo frankenstein: de la diferencia a la cultura post*. Madrid: Editorial Tecnos, 1997, p.11.

<sup>18</sup> Vivian, em “A decadência da mentira”, 1891. In: Beckson, Karl (Org). *O melhor de Oscar Wilde*. Tradução Dau Bastos. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

fundamentos. Estes questionamentos ocorrem sob diversos aspectos, dentre os quais podemos citar: a noção e concepção de autoria, a fragmentação da narrativa, as novas relações textuais — criadas a partir do conceito de hipertexto (matriz de textos potenciais), da relação texto/imagem, da interatividade, da virtualização do texto literário e da introdução do conceito de ciberliteratura.

Diante deste quadro, começa a ser esboçada uma poética da literatura pós-moderna e de suas relações com o mundo virtual, atentando-se especialmente para as obras que procuram redefinir e ampliar o estatuto do literário seja pelo diálogo intersemiótico do texto com imagens, sons e movimentos, seja pelo questionamento de conceitos sobre leitura, autoria, narrativa e representação. No bojo de todas as discussões surgidas em torno da literatura neste final de século e que, atualmente, têm merecido lugar de destaque no campo das ciências humanas está, sem dúvida, a questão relativa ao pensamento e à produção literária na era do digital. Diante deste fato, buscamos com este trabalho refletir sobre as seguintes questões: até que ponto, e de que maneira, se diferenciam a forma e a sensibilidade literária da modernidade e da pós-modernidade frente ao avanço da tecnologia digital e como se processará a relação leitor/texto diante do novo quadro que se estrutura? Para responder a essas questões trabalharemos com a crítica da cultura que irá nos fornecer instrumental teórico-investigativo para que tornemos possível a formulação de alguns pressupostos teóricos acerca de uma nova lógica existencial para o sentido da literatura, num mundo dominado por imagens, velocidade, informação em *tempo real*.

Definitivamente, — como diz Félix Guattari<sup>19</sup> — entramos na era da subjetividade maquínica, não de uma subjetividade reterritorializada, mas de uma subjetividade controlada pelas máquinas: mídias, bancos de dados, a temporalidade dos computadores (*tempo real*), telecomunicações. Não se trata aqui de dizer que as máquinas tomarão o poder e dominarão o homem — a ficção científica já fez essa previsão e ela não se concretizou, não da forma como foi profetizada ou como o computador HAL 9000, de *2001 Uma odisséia no espaço*<sup>20</sup>, tentou impor a sua lógica coisificada de máquina. Mas de apenas constatar o fato de que, cada vez mais, e com maior intensidade, a nossa subjetividade está entrando em *máquina*: esta é a era que Guattari classifica como era da *idade da informática planetária*. Segundo Freeman Dyson, não há nenhum perigo concreto de que a inteligência humana venha a ser superada pela artificial, pois está continuará a ser uma ferramenta sob controle humano.<sup>21</sup> O perigo real reside no uso e na conformação que pode ser dada às máquinas abstratas (políticas, econômicas, científicas, e outros)<sup>22</sup> que podem agenciar a nossa consciência e sensibilidade de forma danosa.

---

<sup>19</sup> Guattari, Félix. Da Produção da Subjetividade. In: *Imagem máquina*. São Paulo: Editora 34, 1993.

<sup>20</sup> Kubrick, Stanley. *2001 Uma Odisséia no Espaço*. MGM/UA HOME VIDEO, VÍDEO ARTE DO BRASIL, 1968.

<sup>21</sup> Dyson, Freeman. *Infinito em todas as direções*. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 342.

<sup>22</sup> Deleuze, Gilles e Guattari, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, p. 227.